

## **Representações Sociais do Tráfico de Drogas e da Violência: Concepções de Moradores de Áreas de Favelas e de Áreas Abastadas**

### *Social Representations of Drug Dealing and Violence: Conceptions of Residents of Social Vulnerability Zone and Wealthy Areas*

Karen Rodrigues Maciel<sup>1</sup>, Rafael Moura Coelho Pecly Wolter<sup>1</sup>, Thiago Rafael Santin<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo é sobre as representações sociais do tráfico de drogas e da violência para moradores de áreas de favelas e de áreas abastadas. Realizou-se uma análise comparativa de tais representações, identificando possíveis similaridades e dissonâncias sob o olhar da teoria das representações sociais. Para tal, foi realizada uma entrevista semiestruturada (N = 20) e análise de conteúdo. Os resultados mostram influências da posição no campo social também nas representações sociais dos moradores. As dissonâncias entre as representações trouxeram aspectos voltados às concepções da violência e do tráfico de forma mais subjetiva para moradores de áreas abastadas, enquanto para moradores de áreas de favelas deu-se de forma mais objetiva. Além disso, enfrentam vivências específicas quanto às violências na sociedade e o tráfico de drogas, sendo evidenciados os crimes de assaltos e furtos em áreas abastadas e o crime do tráfico de drogas em favelas. Os enfrentamentos à temática também se dão de maneiras distintas para os dois grupos, principalmente no âmbito estatal, sendo evidenciada a violência na realidade das favelas. Os resultados apontam ainda para questões estruturais da sociedade, como o racismo, o machismo, a discriminação policial e a desigualdade econômica, bem como os impactos na realidade de cada grupo.

**Palavras-chave:** Representação Social; Tráfico de Drogas; Violência; Campo Social; Psicologia Social.

**ABSTRACT:** This article is about the social representations of drug dealing and violence for residents of vulnerability zone and wealthy areas. A comparative analysis of these representations was carried out, identifying possible similarities and dissonances from the perspective of the theory of social representations. To this end, a semi-structured interview (N = 20) and content analysis were carried out. The results show that position in the social field also influences residents' social representations. The dissonance between the representations

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

brought aspects related to the conceptions of violence and drug dealing in a more subjective way for residents of wealthy areas, while for residents of vulnerability zones it was more objective. In addition, they face specific experiences of violence in society and drug dealing, highlighting the crimes of robbery and theft in wealthy areas and the crime of drug dealing in vulnerability zones. The issue is also tackled in different ways by the two groups, mainly at state level, with violence being highlighted in the reality of the vulnerability zones. The results also point to structural issues in society, such as racism, male chauvinism, police discrimination and economic inequality, as well as the impacts on the reality of each group.

**Keywords:** Social Representation; Drug Trafficking; Violence; Social Area; Social Psychology.

### **As Representações Sociais, A Violência e o Tráfico**

Ao se pensar no âmbito da psicologia social como forma de compreender e investigar a realidade toma-se por objeto de estudo o comportamento humano, tanto individualizado, mas também o que estabelece esses comportamentos enquanto leis gerais, a partir da interação com o mundo. Essa interação se dá principalmente através da linguagem, que estabelece simbolizações e significados às coisas e pessoas (Lane, 2006).

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi criada por Serge Moscovici (Sá, 1996), que se dedicou ao campo dos estudos psicossociológicos. A partir da análise da expansão dos conceitos da psicanálise para o senso comum, o mesmo pôde observar surgir um conhecimento híbrido, o que significa dizer que, há uma regulamentação das ideias e expressões linguísticas como formas distintas de ciência (Moscovici, 2001/2003). Trata-se, portanto, da relação com o objeto, que será mediada pelo pensamento (Jodelet, 1989/1993).

No contexto brasileiro, a violência é apresentada objetivamente através de dados que refletem seus indicadores no Brasil. Para isso, utiliza-se diversos dados públicos e pesquisas, dentre as quais se escolheu o Monitor da Violência. Ele é uma parceria entre o portal jornalístico G1, do grupo Globo, com o Núcleo de Estudos da Violência, da Universidade de São Paulo (USP) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Desde setembro de 2017 são

divulgados dados referentes aos sistemas prisionais, números de mortes e outros índices da violência (G1, 2018).

De acordo com o último levantamento do Monitor da Violência (Velasco, 2023), o número de mortes violentas em 2022 foi de 40,8 mil. Em comparação ao ano anterior, apresentou queda de 1% e é o menor valor total desde que os dados começaram a ser contabilizados. Porém, no último trimestre de 2022 houve alta de 6,4% nos valores. O Espírito Santo, tem taxa de 25,6 mortes a cada 100 mil habitantes, e ocupa a 14ª posição no ranking dos estados (Velasco, 2023). Segundo o Monitor, nesses valores “estão contabilizadas as vítimas de homicídios dolosos (incluindo os feminicídios), latrocínios e lesões corporais seguidas de morte. Juntos, estes casos compõem os chamados crimes violentos letais e intencionais” (G1, 2020).

Para dar conta da organicidade das representações sociais, faz-se necessária uma análise dos processos que considerem o aspecto cultural e social do sujeito da análise (Thiry-Cherques, 2006). Deve-se ainda ressaltar a historicidade das representações sociais. Isso quer dizer que, apesar das representações sociais serem construídas no momento presente, elas o são de forma indissociada ao passado e assim se dá sucessivamente, ou seja, as representações futuras, serão influenciadas pelas formulações do presente, bem como as do presente foram formuladas a partir das anteriores (Wolter et al., 2015).

Além disso, essas elucidações se restringem aos grupos em específicos estudados, ou seja, o sentido de um mesmo objeto varia dentro de uma mesma sociedade e são também expressados de formas distintas (Moscovici, 2001/2003). Portanto, deve-se considerar os “elementos afetivos, mentais e sociais, e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações sociais e a realidade material, social e ideal, sobre as quais elas vão intervir” (Jodelet, 1989 citado por Santos & Almeida, 2005, p. 26). As representações sociais são basilares para as ações no

mundo e com o outro (Moscovici, 2001/2003), portanto, diferentes representações dos grupos sociais também poderão produzir múltiplas formas de interação com o objeto. Os grupos ou conjuntos sociais agem no mundo, desenvolvem práticas sociais em relação aos objetos relevantes e outros grupos que os circundam, a partir das representações que possuem acerca deles.

No âmbito sociocognitivo, considera-se que a construção das representações se dá a partir de dois processos maiores, explanados por Moscovici, que são a objetivação e a ancoragem. Vale lembrar que, apesar de etapas separadas teoricamente, tais processos se dão de maneira indissociada e não necessariamente em uma ordem específica (Vala, 2004).

Moscovici aponta ainda que “a finalidade de todas as representações sociais é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (2003, p. 54). Assim, as representações assumem determinadas funcionalidades, as quais são conceituadas enquanto “função de saber”, “função identitária”, “função de orientação” e “função justificadora” (Abric, 1994 citado por Chamon, 2006). A função do saber é o processo de assimilação do conhecimento adquirido que corresponde aos valores e aspectos cognitivos, permitindo a compreensão da realidade social, o senso comum. A função identitária trata da distinção dos grupos sociais, a partir do compartilhamento das representações e situa as pessoas e grupos dentro do campo social (Chamon, 2006). Essas funções são meios do grupo construir a sua realidade social por meio do pensamento compartilhado dentro dele acerca de objetos sociais relevantes.

### **Representações Sociais da Violência, do Tráfico e da Favela**

Dentre os diversos objetos sociais que são investigados por meio da Teoria das Representações, situa-se a pesquisa acerca da violência e sua relação com o tráfico de drogas. Silva (2014) investigando as representações sociais da violência urbana, realizou um trabalho a partir do relato de jovens em Santo Amaro, bairro de Recife, que faz parte da região

envolvida com o tráfico de drogas. No discurso dos participantes pode-se perceber que dentre as representações da violência, há relações com a juventude, contribuindo para um estigma que recai sobre ela, como por exemplo, um jovem apenas parado numa esquina ser tomado como alguém que exhibe comportamento suspeito de tráfico.

O aspecto da “guerra” também emerge no discurso dos jovens, termo utilizado pela mídia para “estabelecer mecanismos de enfrentamento a uma suposta guerra declarada a traficantes locais” (Silva, 2014, p. 188) e para os participantes, o termo está associado à morte e ao tráfico. Também o termo “vida errada” faz referência ao jovem inserido no contexto do tráfico, o que a autora entende como o caráter subjetivo da violência nesse contexto, pois, se reflete nas relações sociais e de amizade (Silva, 2014).

Malvasi (2012), por meio de estudo com jovens moradores de periferias de São Paulo, aponta a interlocução de três instâncias do saber/poder, as quais são “a quebrada”, “o crime” e o “socioeducativo”, que são balizadores da relação com o tráfico de drogas no local, bem como suas representações

Nas dobraduras do tráfico de drogas, estas instâncias de saber e poder constituem sistemas conceituais e modos de regulação que se constroem em zonas de contato – nas interfaces entre elas. Meus interlocutores se relacionam com as dinâmicas disparadas pelo tráfico de drogas em situações concretas da vida cotidiana, quando a interação não se estabelece apenas entre pessoas, instituições, grupos, mas entre diferentes modos de se conceber e lidar com o tráfico de drogas [...] (Malvasi, 2012, p. 17).

Porto (2009), também se dedicando a investigar a representação social da violência, reflete sobre como a mídia corrobora para a construção dessas representações, pois assume o papel de explicar o mundo e dar significações para o que ocorre na vida cotidiana. Além disso, “ao pautar uma matéria, a mídia, ao mesmo tempo que apresenta e representa

determinados acontecimentos, mediados por sua versão dos fatos, está silenciando outros” (Porto, 2009, p. 217), e em razão disso, constrói-se uma realidade específica. A autora relaciona os pressupostos de Bourdieu (1996, citado por Porto, 2009) com o lugar que a mídia ocupa enquanto campo de conflitos, que se dão externamente ao campo, mas que internamente buscam ocupar a produção simbólica.

A violência é expressa nesses meios de comunicação como algo endêmico, crescente e associada ao medo, que concomitantemente eleva o clamor por intervenções que estabeleçam o sentimento de segurança. Essa reivindicação também ganha espaço no conteúdo midiático, recebendo evidência a ineficiência do Estado na solução da questão. Nesse sentido, a mídia e a violência são, para Porto (2009), transformadas em mercadoria e adentram na realidade das pessoas.

Oliveira e colegas (2015) observaram, a partir de um estudo documental da revista *Veja*, que o componente “coisa de pobre” também compõe a representação do tráfico. Constata-se ainda mínima aparição de notícias que abordam o tráfico no contexto das classes economicamente favorecidas, atrelado à noção de responsabilização do tráfico e suas problemáticas, que recaem sobre produtores e moradores de áreas de favela, resguardando assim os grupos sociais dominantes.

Historicamente, pessoas são vistas e demarcadas de maneiras diferentes, a depender de determinados fatores, como por exemplo, cor, classe econômica, localidade onde mora, dentre outros (Silva, 2016). Nesse sentido, convém refletir sobre as representações de pessoas que residem em favelas. Silva (2016) faz esse exercício investigativo e observou que, “em geral, as favelas são representadas por um espaço sem infraestrutura urbana e sem ordem” (Silva, 2016, p. 15). Essas representações contribuem com a replicação de falas marginalizantes e exclusivistas, dividindo territorialmente a sociedade entre “bem e mal”.

De acordo com Silva (2016), a insegurança está presente na realidade dos moradores de áreas de favelas, porém, reflete-se no enfoque que os telejornais dão a essa temática, ignorando outros aspectos também presentes, como a produção cultural, as relações sociais e o aspecto econômico produzido na favela. Esse enfoque apenas nos aspectos negativos da favela transmitem uma visão de que todos os seus moradores são “marginais”, ou seja, pessoas que representam risco para a população, como se não houvesse pessoas não envolvidas com o tráfico ou a violência (Silva, 2016).

Alguns movimentos têm sido feitos em contraposição a essas representações estigmatizantes, na perspectiva de valorizar a produção cultural que se tem nesses espaços e fortalecer a autoestima desses moradores, combatendo o olhar hegemônico voltado para as favelas, conferindo destaque às suas riquezas.

Entendendo a indissociabilidade do contexto social que se está inserido com os valores apreendidos, pretendeu-se realizar uma análise comparativa entre as representações dos temas para pessoas que residem em áreas de favelas e pessoas que residem em áreas abastadas, a fim de corroborar com as análises sociais feitas até o momento. Essa comparação contará também com as contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu (1986, 2013) com os conceitos de campo social, *habitus* e capitais sociais, pelos quais se torna possível compreender as possíveis similaridades e dissonâncias das representações sociais entre moradores de áreas de favelas e de áreas abastadas.

Para isso, faz-se necessário considerar que, de acordo com Bourdieu (2013), os grupos sociais, bem como as classes sociais, devem ser entendidos de maneira integrada. Isso significa dizer que se deve compreender os grupos e classes sociais tanto objetivamente, como por exemplo, através dos bens materiais, como também a partir de uma objetividade de segunda ordem, que considera as classificações e representações discordantes, elaboradas de modo prático, que estabelece estilos de vida.

Partindo da análise praxiológica da realidade, faz-se necessário entender conceitos fundantes, como a noção de campo, *habitus* e os capitais. O campo é, na teoria de Bourdieu, onde ocorrem as dinâmicas sociais, delimitado por regras e valores que lhes são estruturantes. No campo as disposições se dão de maneira distinta, o que o autor denomina como *habitus*, ou seja, são os espaços que os agentes ocupam dentro do campo, bem como o conjunto de ações no mesmo e a noção de valores. Sendo assim, se constitui como estrutura estruturante, uma vez que é o que também possibilita a luta por manter ou modificar as relações de poder, que se dão pela distribuição dos capitais (Thiry-Cherques, 2006).

Bourdieu (1986) destaca três tipos fundamentais de capitais; o capital econômico, convertido em dinheiro e bens materiais; capital cultural, que diz respeito aos conhecimentos adquiridos e aspectos intelectuais; e por fim, o capital social, que se trata do aspecto relacional, ou seja, as conexões estabelecidas. Dentro dessa lógica, um capital pode conduzir a outro, por exemplo, a posição social que se ocupará estará ligada ao capital econômico, o que por sua vez, poderá facilitar o acesso ao capital cultural, ou ainda conexões que possam trazer privilégios, e assim por diante (Thiry-Cherques, 2006).

Ao utilizar-se de tais preceitos para compreender as representações sociais das mais diversas classes sociais, propõe-se uma análise societal dessas interações. Vale citar as contribuições da Abordagem Societal das Representações Sociais. Proposta por Willem Doise (2002), a abordagem societal relaciona aspectos representacionais com a dinâmica social mais ampla, permitindo uma leitura próxima das teorias de Pierre Bourdieu.

Doise (2002) afirma uma homologia estrutural entre as representações sociais e a posição dos grupos na sociedade. Isso significa dizer que a maneira como as pessoas pensam e agem está intrinsecamente ligada à posição que ocupam na estratificação social. As conexões com a teoria de Bourdieu também se dão pela ênfase na dimensão simbólica da

realidade social, além de compreenderem que subjetividade e objetividade, indivíduo e sociedade estão indissociados (Doise, 2002).

De maneira prática pretendeu-se compreender as relações entre as representações sociais e a posição na sociedade a qual se faz parte, no que tange ao tráfico de drogas e a violência, aprofundando-se no que emerge do objeto, a fim de estabelecer as estruturas do discurso. O objetivo geral deste trabalho foi identificar as representações sociais acerca da violência e do tráfico ilegal de drogas. O primeiro objetivo específico foi inventariar as representações sobre o tráfico de drogas e violência de moradores de áreas de favelas e de áreas abastadas de uma grande cidade no estado do Espírito Santo. O segundo objetivo específico foi comparar as representações inventariadas para determinar suas semelhanças e diferenças.

### **Método**

A pesquisa fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2001/2003) para inventariar as representações sociais de moradores de áreas abastadas e de áreas de favelas sobre a violência e o tráfico de drogas. Realizou-se entrevista semiestruturada e os resultados foram submetidos à análise de conteúdo temática, conforme Bardin (1977), para comparação.

### **Participantes e procedimentos**

A amostra desta pesquisa classifica-se em não probabilística intencional, com recrutamento por indicação (estilo bola de neve), por se tratar de um subgrupo da população que foi escolhido com informações prévias, como o tempo que reside em determinada região e a idade do participante (Bauer & Gaskell, 2002). Os participantes foram 20 moradores de uma grande cidade no Espírito Santo, sendo 10 moradores de áreas abastadas (7 mulheres, 3 homens, idade com média de 23,4 anos de idade e tempo médio de residência de 15,6 anos) e 10 moradores de áreas de favelas (5 mulheres e 5 homens, com média de 29,4 anos de idade e

tempo médio de residência de 24,1 anos), contando como critério de inclusão residir há cinco anos ou mais na região e ser maior de idade.

Os bairros foram escolhidos com base nas considerações de Bourdieu (2013) em relação aos grupos sociais e a classe social, que devem ser entendidos integralmente. A partir disso, observou-se a posição dos bairros no último Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) realizado da Grande Vitória (Atlas Brasil, 2010; Filho, 2014), juntamente com a própria identificação dos participantes quanto à área que residem como sendo área abastada ou favela, aparecendo no decorrer do discurso. As favelas também estão entre os bairros que apresentam os maiores índices de crimes contra a pessoa na cidade onde foi realizada a pesquisa (Gonçalves, 2022).

No decorrer da pesquisa, os entrevistados são referenciados com a letra A para moradores de áreas abastadas e F para moradores de áreas de favelas, seguida do número correspondente ao mesmo.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas e transcritas. Todos os cuidados éticos foram observados, incluindo a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o cuidado com a confidencialidade dos participantes.

### **Instrumento**

As perguntas da entrevista semiestruturada foram elaboradas com base em três eixos temáticos, sendo eles: dados sociodemográficos, violência e tráfico de drogas. A ordem das perguntas foi pensada para criar inicialmente uma familiarização com a aplicadora, abordando aspectos mais gerais, e decorre com questões mais implicativas dos entrevistados.

As questões presentes no roteiro de entrevista perpassam por perguntas sobre o perfil dos participantes, opiniões quanto ao local de residência e vivências no bairro, como por exemplo, “o que você gosta no bairro?”, “o que incomoda no seu bairro?” e “você se sente seguro no seu bairro?”. Também se perguntou sobre as percepções voltadas à criminalidade

no bairro em questão, opiniões sobre o tráfico de drogas ilícito e a violência e comparações entre o próprio bairro e outros, como “que tipo de crime você observa que acontece no bairro?”, “para você, o tráfico tem relação com a violência?” e “você acha que tem diferença no tráfico que ocorre no seu bairro comparado com outros bairros?”

## Resultados

O material coletado foi dividido integralmente em Unidades de Conteúdo (UC), gerando 2.410 UCs. As UCs foram então divididas pelos dois grupos estudados, gerando 95 temas para o grupo de moradores de áreas de favelas e 79 temas para o grupo de moradores de áreas abastadas. Os temas resultaram em 2 categorias para cada grupo.

### Moradores de áreas de favelas

As categorias geradas a partir da análise de conteúdo, com temas apresentados da maior à menor frequência que apareceram no discurso dos participantes moradores de áreas de favelas, encontram-se na Tabela 1:

**Tabela 1**

*Categorias da análise de conteúdo das entrevistas de moradores de áreas de favelas (N = 10)*

Categoria	F*	Tema	F*
Violência e tráfico	653	Violências e crimes do cotidiano	159
		Percepção sobre traficantes e usuários	122
		Possibilidades de lidar com o tráfico	104
		Percepção quanto à polícia	83
		Características do tráfico	69
		Tráfico como violência no bairro	53
		O tráfico antigo e o tráfico de hoje no bairro	36
		Concepções da violência	14
		Formas de acessar as drogas	13
Meu Bairro	278	Características do bairro	68
		Comparações com outros bairros e regiões	54
		Relatos pessoais	51
		Avaliações positivas	33
		Desafios do bairro	26
		Aspectos positivos da segurança	24
		As relações interpessoais na sua comunidade	22

*Nota.* F refere-se à frequência das UCs.

Fonte. Os autores.

### ***Características da Favela***

A categoria “meu bairro” (278 UCs) aborda os aspectos objetivos e subjetivos da comunidade. Evidencia-se o acesso a serviços públicos e privados, como saúde, educação e lazer. Além disso, nesta categoria os sujeitos identificam seu bairro como favela, com a apropriação positiva do termo. Outros aspectos positivos aparecem na categoria, como o acolhimento da comunidade e as vivências no local, como crianças brincando na rua e interações com vizinhos.

Em relação à segurança, os moradores apontam aspectos positivos voltados à segurança, porém, de maneira geral reconhecem algumas periculosidades do local. É importante mencionar que 5 dos 10 entrevistados responderam que se sentem seguros no bairro, enquanto 3 disseram não se sentirem seguros e 2 sentem-se parcialmente seguros e apresentam condições para a segurança, como por exemplo, ser conhecido no bairro, ser homem e saber onde e em qual horário pode circular. Ademais, aparece como desafio a falta de oportunidades para pessoas do bairro, exemplificado pela inacessibilidade de projetos sociais e a falta de aparelhos culturais.

### ***Violência e Tráfico para Moradores de áreas de Favela***

A categoria “violência e tráfico” (653 UCs) evidencia que as principais concepções da violência para o grupo são violência psicológica, verbal e agressão física. Aparece também como definição de violência “tiro” e “assalto”, que trazem aspectos mais concretos da violência física. Ainda nesse sentido, é possível observar na temática “violência e crimes do cotidiano” (159 UCs) a ênfase na vivência de tiroteios, violência física e o tráfico de drogas no bairro. Houve também relatos de duas entrevistadas que expuseram envolvimento direto

com o tráfico de drogas, que se deu a partir de seus companheiros, e trouxeram a perspectiva de quem está inserido nesse cenário:

*“Pra” quem tá vivendo, pra eles [traficantes] tá tudo certo. Eu já vivi uma vida de luxo em cima disso, só que hoje eu vejo as pessoas se definhando por causa disso, então eu acho que o tráfico de drogas tem muita influência em relação a isso [pessoas se definhando]. Porque, ou a pessoa vai virar grandão, vai vender e ter o dinheiro em cima daquilo, ou ela vai virar um “nóia” e vai viver nessa vida (F3).*

Os moradores de áreas de favelas referem-se também à temporalidade e memória no tema “o tráfico antigo e o tráfico de hoje no bairro” (36 UCs). É relevante mencionar que o tráfico antigo é referenciado ao período onde os traficantes que operacionalizavam o tráfico na região eram pessoas nascidas e criadas no bairro. Essas pessoas tinham normas de condutas, infância compartilhada no bairro e bom convívio com os moradores, porém, após a prisão recente desses chefes, abriu-se espaço para a disputa territorial de traficantes de outras localidades, na tentativa de assumir o comando do bairro, como é possível identificar através de notícias nos jornais regionais (Afonso, 2022; Mireny, 2022) e pelas falas dos participantes.

Quanto às representações sociais de pessoas envolvidas com o tráfico, evidenciam-se processos de humanização, principalmente na perspectiva de entender o contexto social que o traficante está inserido, como aparece no tema “percepção sobre traficantes e usuários” (tema com 122 UCs). Há também aspectos voltados à personalidade do traficante e uma perspectiva individualista, como pessoas arrogantes, agressivas, individualistas, ambiciosas dentre outros, concebendo o tráfico como uma escolha individual. Além disso, se tem a representação social do traficante como estereótipo de minorias sociais que o apontam como pessoa de baixo poder aquisitivo e/ou negro e morador de área de favela, que carrega também um jeito próprio de se portar e vestir, como por exemplo, boné, bermuda e cordões grandes.

## Moradores de Áreas Abastadas

As categorias geradas a partir da análise de conteúdo, com temas apresentados da maior à menor frequência que apareceram no discurso dos participantes moradores de áreas abastadas, encontram-se na Tabela 2

**Tabela 2**

*Categorias da análise de conteúdo das entrevistas de moradores de áreas abastadas (N = 10)*

Categoria	F*	Tema	F*
Violência e Tráfico	405	Violências e crimes do cotidiano	140
		Possibilidades de lidar com o tráfico	91
		Percepções sobre traficantes e usuários	66
		Tráfico como violência	57
		Concepções da violência para moradores	28
		Sentimentos e relação com a polícia	23
		Características do bairro	96
Meu bairro	333	Comparações com outros bairros e regiões	97
		Tranquilidade e segurança para moradores	67
		Avaliações positivas e negativas do bairro	56
		Relatos pessoais	17

*Nota.* F refere-se à frequência das UCs.

Fonte. Os autores.

### *Características da Área Abastada*

A categoria “meu bairro” (333 UCs) mostra a facilidade de acesso aos serviços públicos e privados, seja pela proximidade de outros locais ou ainda pela diversidade presente no bairro, como por exemplo, comércio e aparelhos culturais, que aparecem no tema “características do bairro” (96 UCs). Além disso, os bairros são reconhecidos pelos moradores como áreas nobres e/ou residenciais e o aspecto físico também é abordado, como o urbanismo e a arborização. De maneira geral, a avaliação dos bairros é positiva e podem ser considerados os melhores bairros para morar.

Outra perspectiva presente na fala dos moradores foi o tema “tranquilidade e segurança para moradores” (67 UCs), ressaltando que os participantes quase não veem violência no bairro, se referindo principalmente à violência física. Essa noção é reforçada

também por duas participantes que trouxeram a presença de guaritas no bairro vinculada ao sentimento de segurança. O sentimento de insegurança que aparece no discurso dos participantes é principalmente relacionado ao gênero, trazendo o fato de pertencer ao gênero feminino como sendo mais vulnerável à diversas formas de violências na sociedade, que aparece no tema “avaliações positivas e negativas do bairro” (56 UCs).

### ***Violência para Moradores de Áreas Abastadas***

As representações sobre a violência para o grupo, bem como as relações com o tráfico de drogas, foram agrupadas na categoria “violência e tráfico” (405 UCs). Os participantes falaram, principalmente, sobre a violência social. A objetividade da violência (Porto, 2006) ocorre em segunda instância, obtendo maior frequência de UCs que abordam a violência verbal e agressão.

Quanto às vivências das “violências e crimes do cotidiano” (tema com 140 UCs), observa-se, muitas vezes, que a violência está diretamente associada a crimes. Os crimes de assaltos/ roubos/ furtos no bairro, apareceram com maior frequência nas UCs, sendo atualmente, a maior problemática enfrentada pelos moradores. Além disso, são abordados ainda crimes contra o patrimônio público e privado, como por exemplo, furto de fiação, caixas de correio, dentre outros. É observado que os moradores associam a violência ao tráfico principalmente em bairros periféricos.

O tema “percepções sobre traficantes e usuários” (66 UCs) aponta que os moradores, ao expressarem suas opiniões sobre traficantes e usuários, apegam-se, principalmente, às razões para inserção no tráfico, aparecendo majoritariamente motivos financeiros para esse envolvimento. Por conseguinte, observa-se, novamente, a noção do grupo do tráfico enquanto consequência da desigualdade social. Quanto ao estereótipo do traficante, existem duas representações, voltadas às pessoas que traficam e fazem parte do cotidiano dos moradores e aos traficantes de outros bairros e regiões. Isso se dá pois, ao refletirem sobre o tráfico

realizado por conhecidos, os participantes identificam os traficantes de alto poder aquisitivo no bairro e que frequentam escolas particulares. Em contrapartida, ao se pensar no tráfico na sociedade, surge a representação de que a maioria dos traficantes são negros e moradores de áreas de favelas, como dito:

Eu convivo com traficantes dentro da faculdade de medicina, então podem ser pessoas de bastante poder aquisitivo, de uma família abastada que têm dinheiro para fazer esse tráfico, principalmente em um bairro que é considerado de rico aqui. Mas quando você fala “o que é um traficante?”, o que vem na minha cabeça é uma pessoa negra, malvestida, moradora de periferia” (A12).

### Discussão

Compreendendo a diferença de *habitus* de pessoas que integram diferentes classes sociais, bem como o acesso às variadas formas de capitais e o campo, onde ocorre a disputa de forças e dinâmicas sociais (Bourdieu, 1986), faz-se relevante comparar as representações da violência e do tráfico de drogas de moradores de áreas abastadas e de áreas de favelas. Tal comparação deve-se, pois, o conceito de *habitus* sustenta a noção de que os diferentes modos de vida estão fundamentados na relação do indivíduo com o meio, bem como são por ele produzidos.

Seguindo a lógica comparativa, apresenta-se abaixo as categorias da Análise de Conteúdo das entrevistas de moradores de áreas de favelas e de áreas abastadas, para compreensão das similaridades e dissonâncias, conforme ilustrado na Tabela 3

#### Tabela 3

*Categorias da análise de conteúdo comparativa das entrevistas de moradores de áreas de favelas (N = 10) e de áreas abastadas (N = 10)*

---

Categoria	Tema	Frequência de temas de entrevistas de moradores conforme as áreas	
		Favela	Abastada

Meu bairro	Comparações com outros bairros e regiões	54	97
	Relatos pessoais	51	17
	Concepções da violência	14	28
Violência e Tráfico	Violências e crimes do cotidiano	159	140
	Tráfico como violência no bairro	53	57
	Percepção sobre traficantes e usuários	122	66

---

No que diz respeito às concepções de violências o grupo de áreas abastadas focaliza em aspectos mais subjetivos, como a violência psicológica e social, enquanto o grupo de favelas traz descrições mais objetivas da violência, como mortes e tiroteios, como aparece no tema “concepções da violência” (14 UCs para moradores de favelas e 28 UCs de áreas abastadas). Isso está na linha do que afirmam Sacramento e Rezende (2006), de que o próprio entendimento da violência é perpassado pelo contexto social que o sujeito está inserido e relaciona-se também ao nível de escolaridade e acesso a informações, tendo em vista que as violências não visíveis tendem a ser mais difíceis de identificar e necessitam de análises mais minuciosas.

Corroborar-se a isso a implicação do pertencimento a determinado campo social (Bourdieu, 1986) como influência nas interpretações cotidianas, sendo assim, moradores de áreas de favelas conceituam a violência de forma prática, como ela aparece em seu dia a dia, enquanto moradores de áreas abastadas a percebem de forma mais sutil no cotidiano e atentam-se a elaborações conceituais da violência.

Quanto às formas de violências vivenciadas pelos grupos, identifica-se a relação com crimes vistos no cotidiano. Os crimes são expressivamente o de assaltos e roubos para o grupo de moradores de áreas abastadas e o crime do tráfico de drogas para moradores de áreas de favelas, de acordo com o tema “violências e crimes do cotidiano” (com 159 UCs para moradores de áreas de favelas e 140 UCs das áreas abastadas). De forma geral, observa-se no discurso de ambos os grupos o enfoque na violência urbana, como já apontado por Magrini

(2014) ao refletir sobre a violência na sociedade contemporânea. Além disso, a percepção dos moradores quanto a tipificação dos crimes visto no cotidiano converge com o apontado por Gonçalves (2022) ao identificar que na Grande Vitória os crimes que ocorrem em bairros periféricos são majoritariamente contra a pessoa, como homicídios, lesão corporal, dentre outros, enquanto os crimes nos bairros abastados são voltados ao patrimônio. O autor aponta ainda que a própria distribuição geográfica dos crimes não é igualitária e é reflexo de um processo de urbanização excludente.

Os participantes fizeram também relações entre a ausência de roubos e assaltos na favela com as normas de conduta dos traficantes locais, como aparece no tema “comparações com outros bairros e regiões” (com 54 UCs para moradores de áreas de favelas e 97 UCs para moradores de áreas abastadas). Esse fato traz certa ambiguidade aos moradores de áreas de favelas, pois, ao mesmo tempo que se sentem mais seguros devido à lógica interna do tráfico no bairro, os conflitos entre traficantes e a polícia deixam-nos mais expostos à riscos contra a própria vida. Os moradores de áreas abastadas, em contrapartida, não vivenciam de forma tão explícita os riscos do tráfico, porém, a não existência de um regulador moral das pessoas que cometem crimes, os faz sofrer outros tipos de danos, como os altos índices de assaltos.

A partir disso, evidencia-se a complexidade da temática quanto ao estabelecimento de critérios objetivos que demarcam o “mau” e o “bom” quanto a presença do tráfico. Em especial, a ambiguidade também se dá com a percepção da tentativa de condutas que reduzam os confrontos armados, homicídios e outros crimes que interferem na vida dos moradores, por parte da organização do tráfico, como anteriormente observado por Malvasi (2012).

O grupo de moradores de áreas abastadas fala sobre a vivência do tráfico de forma diferente, muitas vezes não sendo identificado como tráfico, pela não semelhança com a forma que é operacionalizado em favelas, ou mesmo por não representar violência. Como aparece no tema “tráfico como violência no bairro” (57 UCs). Dessa forma, esses moradores

apontam que o tráfico no bairro é velado e feito por pessoas de alto poder aquisitivo, além de um sistema próprio de acesso, através do que se denomina “*delivery*”. Nessa lógica de menor exposição, há falas que evidenciam o conhecimento do tráfico apenas através de telejornais, o que reforça os estigmas voltados à temática e favorece o reconhecimento de tráfico somente quando é realizado por pessoas que fazem parte do estereótipo do traficante, em geral pessoas de favelas e pretas, perfil também explorado pelos meios de comunicação em massa (Silva, 2016).

Por outro lado, o grupo de moradores de áreas de favelas aborda o tráfico em diversos momentos, evidenciando casos pessoais que mostram os impactos dessa realidade em seu dia a dia, que aparecem no tema “relatos pessoais” (51 UCs). Esses exemplos são de impedimentos na locomoção em decorrência de tiroteios, as relações estabelecidas com os “crias do bairro”, pela influência do tráfico no julgamento social voltado ao bairro, que por vezes é apontado como perigoso e violento, dentre outros impactos. Quanto a isso, retoma-se o processo de objetivação explanado por Moscovici (2003), pois parece ser atribuída a causalidade da violência a um grupo específico, a fim de compreendê-la como fenômeno presente no dia a dia. Sendo assim, as representações do tráfico são diferentes para os dois grupos. Isso pode ocorrer em razão das diversas formas com que os grupos entram em contato com esse tráfico (Sá, 1998, p. 72).

As representações sociais de traficantes para ambos os grupos passam pelo estereótipo da pessoa de baixa classe social, geralmente negras e moradores de áreas de favelas (Silva, 2016), como aparece no tema “percepção sobre traficantes e usuários” (com 122 UCs para moradores de áreas de favelas e 66 UCs para moradores de áreas abastadas). Nesse sentido, retoma-se a noção da função identitária da representação (Abric, 1994 como citado em Chamon, 2006), pois a diferenciação do grupo de traficantes se dá principalmente por marcadores históricos e sociais, como cor, raça e classe social. Porém, ainda que se tenha o

reconhecimento deste estereótipo, há falas que discordam deste padrão, também sendo apontado como errado estigmatizar as pessoas assim. As discordâncias desses estereótipos se dão também pelo caráter moral, a partir de reflexões acerca das consequências que o preconceito traz à vida dos estigmatizados, realizando interlocuções também com a noção de racismo (Almeida, 2018).

Observa-se ainda, que apesar de se ter demarcado socialmente o padrão do traficante como preto, pobre e favelado (Silva, 2016), o traficante reconhecido no dia a dia dos moradores de áreas abastadas foi, geralmente, de pessoas brancas, de alto poder aquisitivo e com o nível de escolaridade pelo menos até o ensino médio, havendo ainda casos relatados dessas pessoas em contextos de faculdades privadas. Entretanto, ainda que os moradores reconheçam a venda de drogas por pessoas desse perfil, não identificam a prática como tráfico de drogas, por não envolver, necessariamente, um contexto de violência.

Para moradores de áreas de favelas, essas representações perpassam pela função identitária da representação (Abric, 1994 citado por Chamon, 2006) e se apresentam com o reconhecimento da pessoa que trafica enquanto pertencente ao mesmo grupo social. Isso ocorre, pois o traficante por vezes é identificado como o amigo, conhecido, pessoa que cresceu junto no bairro, pessoas que sofreram influências que levaram aos lugares que ocupam, dentre outros fatores que aproximam as realidades dos moradores com essas pessoas. Além disso, refletir sobre as influências para a associação com o tráfico no contexto em que se vive parece justificar, para os moradores, o envolvimento com a ilegalidade. Tais processos são observados também por Malvasi (2012), a partir do entendimento de que todos os moradores daquele contexto, passam, direta ou indiretamente, pelas mesmas situações, dadas pela desigualdade social.

### **Considerações Finais**

A partir do estudo realizado, identificou-se as representações sociais da violência e do tráfico de drogas para grupos que ocupam lugares distintos na sociedade. Além disso, nota-se que, de maneira geral, a criminalidade está presente no cotidiano das pessoas, mesmo que com especificidades distintas, como o tipo de crime, sua incidência, as consequências sofridas, dentre outras. A violência também é vinculada à criminalidade e à sensação de insegurança na sociedade. Desta forma, a violência é representada tanto subjetivamente quanto objetivamente pelos grupos estudados, o que significa dizer que os participantes a reconhecem nos indicadores estatísticos de mortes e crimes, como também na sensação de insegurança, nas opressões e desigualdades.

As representações do tráfico também perpassam pela relação com a violência e é identificada principalmente em regiões e pessoas específicas, evidenciando o estereótipo do traficante enquanto morador de áreas de favelas. Nesse sentido, existem duas representações voltadas ao traficante: para moradores de áreas de favelas se deu a partir da função identitária, tendo em vista esse estereótipo; e para moradores de áreas abastadas se deu a partir da convivência e/ou contato com pessoas de alto poder aquisitivo, que vendem a substância, mas não necessariamente são associados ao tráfico de drogas na cidade. No decorrer dos discursos, estão presentes, ainda, questões estruturais da sociedade, como o racismo, o machismo, a discriminação policial e a desigualdade econômica.

## Referências

- Atlas Brasil (2010). *Atlas dos municípios*. <http://www.atlasbrasil.org.br/>
- Afonso, J. (2022). *Tiros, confronto com a PM e helicóptero em manhã tensa em Vitória*. A Gazeta. <https://www.agazeta.com.br/es/policia/tiros-confronto-com-a-pm-e-helicoptero-em-manha-tensa-em-vitoria-0922>
- Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* Letramento.
- Almeida, O., M. A., Santos, S., F., M. & Trindade, A., Z. (2000). Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas em Psicologia*, 8(3), 257-267.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bauer, W., M., & Gaskel, G. (2002). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um manual prático*. Vozes
- Bourdieu, P. (1986). The Forms of Capital. In Richardson, J., *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. Westport, CT: Greenwood. 241–58
- Bourdieu, P. (2013). *Capital simbólico e classes sociais*. Novos estudos CEBRAP. (96), 105-115. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000200008>
- Chamon, O. Q. M. E. D. (2006). Representação social da pesquisa pelos doutorandos em ciências exatas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(2), 21-33. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1808-42812006000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812006000200003)
- Corrêa, F. B. (2006). As projeções de alteridade no espaço urbano carioca a favela no cinema brasileiro contemporâneo. *Lumina*, 9, 51-61.
- Carlomagno, C. M., & Rocha, C. L. (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 7(1). <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771>

- Escohotado, A. (1998). *Historia General de Las Drogas*. Editorial Espasa Calpe.
- Espíndula, D. H. P., Aranzedo, A. C., Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., Bertollo, M., & Rölke, R. K. (2006). "Perigoso e violento": representações sociais de adolescentes em conflito com a lei em material jornalístico. *Psic: revista da Vetor Editora*, 7(2), 11-20.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142006000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000200003&lng=pt&tlng=pt).
- Fernandes, S. C. S., & Pereira, E. M. (2018). Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. *Estudos e pesquisa em psicologia*, 18(1), 30-49. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v18n1/v18n1a03.pdf>
- Filho, A. (2014). *Ranking aponta bairros melhores para se viver. Vitória tem sete bairros entre os 20 melhores de todo o país*.  
<http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/323804/Details>
- Fontes, L. O. (2022). Violência, trabalho e periferia: conflitos morais e convívios nas fronteiras entre dois mundos. *Caderno CRH*, 35.  
<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/pZNtrFmmrYrRbKbZHgVQScd/#>
- Gonçalves, R. C. W. (2022). Os múltiplos territórios da criminalidade na região metropolitana da Grande Vitória -ES [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo]. <https://geografia.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGG/detalhes-da-tese?id=16556>
- Jodelet, D. (1999). A alteridade como produto e processo psicossocial. In A. Arruda (Ed.), *Representando a alteridade* (pp. 47-67). Vozes.
- Jodelet, D. (1989/1993). Représentationssociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentationssociales* (pp. 31-61). PUF. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação.

- Lane, S. T. M. (2006). *O que é psicologia social*. Brasiliense.
- Malvasi, A. P. (2012). Interfaces da vida loka: Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo].
- Magrini, O.A.M (2014). interações entre violência e cidades. *Caderno Prudentino de Geografia*, 1(36).  
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/3289/2794>
- Mansarena, R., A. & Silva, C. L. (2000). A influência das ideias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil. *Psicologia em Estudo*, 5(1), 115-137.
- Mireny, L. (2022). *Membro de facção e outros três são presos por tráfico em Muniz Freire*. A Gazeta. <https://www.agazeta.com.br/es/policia/membro-de-faccao-e-outros-tres-sao-presos-por-trafico-em-muniz-freire-0722>
- Moscovici, S. (2001/2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Vozes.
- Oliveira, F. C., Gianordoli-Nascimento, I. F., Santos, T. L. A., & Freitas, J. C. (2015). Fronteiras e pertencas: representações sociais e dinâmicas identitárias do tráfico de drogas na revista *Veja* (1968-2010). *Psicologia e Saber Social*.  
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/12385>
- Porto, G., S., M. (2006). Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias*, 250-273.
- Porto, G., S., M. (2009). Mídia, segurança pública e representações sociais. *Tempo Social*, 21(2), 211-233.
- Sá, P. C. (1998). *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*. Ed. UERJ.

Sacramento, T. L. & Rezende, M.M. (2006). Violências: lembrando alguns conceitos.

*Aletheia*, (24), 95-104.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-)

03942006000300009

Santos, S. F. M. & Almeida, M.L. (2005). *Diálogos com a Teoria da Representação*

*Social*. Ed. Universitária da UFPE.

Silva, L. S. (2016). *Mídia e estereótipos: as representações das favelas em notícias de*

*crimes veiculadas nos telejornais da rede globo*. UFPI.

Silva, V. (2014). *Guerra e Vida Errada: Reflexões sobre representações (sociais) da*

*violência urbana, a partir dos relatos de jovens em Santo Amaro* [Tese de

Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco].

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11695>

Soczka, L. (2004). Contextos territoriais e a perspectiva ecológica em psicologia social.

In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (6ª ed., pp. 503-541).

Fundação Calouste Gulbenkian.

Tajfel, H. (1981). *Grupos humanos e categorias sociais*. Livros Horizonte.

Thiry-Cherques, H. R. (2016). Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de*

*Administração Pública*. 40(1), 27-53. <https://doi.org/10.1590/S0034->

76122006000100003

Vala, J. (2004) Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano.

In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (6ª ed., pp. 457-502).

Fundação Calouste Gulbenkian.

Wolter, R. P., Wachelke, J., Sá, C. P., Dias, A., & Naiff, D. (2015). Temporalidade e

representações sociais: Estabilidade e dinâmica dos elementos ativados pelo

regime militar brasileiro. *Psychologica*, 58(1), 107-125.

[http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606\\_58-1\\_6](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_58-1_6)